

A SERVIDÃO MODERNA: A ILUSÃO DO CONSUMISMO

Raquel Pinheiro

Cientista Social e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

A Servidão Moderna é um documentário francês lançado no ano de 2009 sob a direção de Jean François Brient e Victor Leon Fuentes, com o título original de “*La Servitude Moderne*”¹. Contendo quase 53 minutos de duração, o documentário tem uma formação singular, tendo sido constituído a partir de fragmentos de diversos outros documentários e filmes.

O vídeo trata de uma forma de servidão a qual se presta o indivíduo contemporâneo, focando, para isso, em diversos aspectos que constituem, invadem e se fazem presentes na vida no indivíduo que vive na e da atualidade e suas tendências.

Ao longo do filme o narrador fala cruamente acerca do “escravo moderno”, termo do qual ele se utiliza para designar todos os indivíduos adequados à sociedade contemporânea e de seus hábitos, deixando claro, desde o princípio, que esta condição de servo é situação aceita pelos próprios “cativos” do sistema dominante. Dá-se ao homem moderno o status de servo por opção. Ao contrário, por exemplo, dos antigos escravos, que lutavam por sua liberdade, o escravo moderno não só abraça sua situação execrável, como a aceita com uma alienação velada e até desejável, que não o faça sair de sua inércia de dias iguais e sujeições às quais já se habituou.

Entrando em assuntos diversos que abrangem muitos aspectos da vida de um ser humano, como o valor do trabalho e a invenção do desemprego, o consumismo sem

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=Ybp5s9ElmcY>

freios, e os falsos valores dados à mercadoria – colocado no vídeo como entidade portadora de significado, peso e ideologia -, os enganos da medicina ocidental, em seu perpétuo trabalho de mutilar seus pacientes, física e mentalmente, alimentação do servo moderno como sendo a expressão máxima do sucateamento da vida – posto que, segundo o documentário, teria o homem confundido a alimentação com o simples deglutir apressado de produtos insalubres feitos pela indústria, o extermínio massivo de animais e a destruição do planeta, entre outras coisas.

Uma coisa curiosa acerca do documentário é que ele foi veiculado gratuitamente. Mas há um sentido nisso – aliás, até nisso um sentido é produzido, ainda que muito discretamente: Se uma das primeiras e mais importante críticas feitas em “A Servidão Moderna” diz respeito à questão do trabalho e o peso (esmagador) ideológico da mercadoria, conforme a constituímos e a caracterizamos, não seria coerente transformar esta mídia crítica em um dos frutos de suas reflexões – mais uma mercadoria, a tentar dar a falsa ideia de completude e felicidade ao homem. E justamente pelo fato de não haver comércio, não há também uma preocupação preponderante com a questão de direitos autorais, uma vez que também – talvez num movimento pensado para mais uma criação de sentido – existe, conforme já dito, uma ampla utilização de cenas, imagens e recortes de diversos de breves cenas de produções cinematográficas ou televisivas, não havendo em momento algum a preocupação ou a querela da autoria de cada fragmento usado.

Outro ponto a ser notado, quando das primeiras análises do filme, é a incrível sincronicidade e a escolha acurada de cenas e imagens que são expostas à medida que o narrador vai tecendo seu discurso. Apresentadas assim, no tempo certo em que as palavras certas são proferidas, o discurso toma força e forma, fazendo com que o impacto sobre os espetadores se torne inegavelmente maior e mais forte.

Assim, por meio de um texto repleto de reflexões, e costurado por imagens que seguem com exatidão as ideias expostas; imagens bem colocadas e também geradoras

de sentidos, o espectador é guiado a pensar conceitos pétreos acerca de seu modo de vida, hábitos e prioridades.

Relações visíveis entre “A Servidão Moderna” e “Androides Sonham Com ovelhas Elétricas”

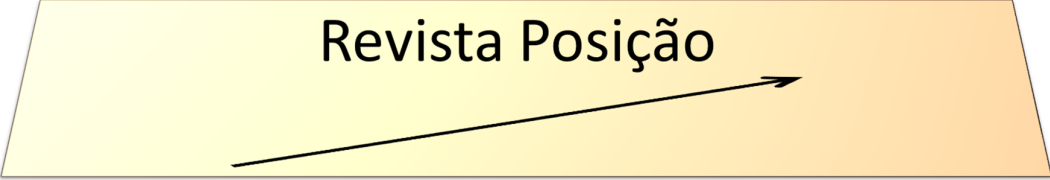
Ambas as produções culturais tratam de um mundo indiscutivelmente distópico:

No documentário fala-se da distopia vivida por cada ser humano dia após dia, uma realidade crua e desprovida de benignidades que não sejam as ilusões dadas pelo consumo desenfreado, e a falsa ideia de escolha de modo de vida e fartura.

No livro citado, escrito por Philip K. Dick, por outro lado, fala-se de uma distopia ficcional, que ocorre em um futuro alternativo (no ano de 1992) que retrata o planeta Terra como um depósito de lixo e de sobreviventes que, não tendo meios financeiros de partir para colônias extraterrestres, são obrigados a cumprir sua existência no planeta de nascença. Em “*Ovelhas Elétricas*” o mundo é apresentado como um lugar inóspito e estéril, onde escassas são as presenças de humanos e quase impossível a existência de animais. E, justamente pela extinção de quase todos os animais do planeta, a ideia de felicidade gira em torno de uma ascensão social, não para a aquisição de conforto e uma boa vida, ou mesmo a fuga para alguma colônia fora da Terra com a promessa de uma vida melhor. A busca incessante de todos os seres humanos é pela aquisição de animais, símbolos de status e de uma boa vida. Mas esta busca é de tal forma destorcida, que aqueles que não conseguem sucesso financeiro para obter um animal verdadeiro, acabam por comprar réplicas eletrônicas das espécies de bichos. Seja qual for o custo, é necessário possuir um animal que, no mínimo, consiga se passar por verdadeiro.

E no centro dessa loucura por uma mercadoria que não serve para trazer felicidade, mas para gerar um status necessário, uma satisfação para a sociedade, está o protagonista Richard Deckard, um caçador de androides que arrisca sua vida a cada

Revista Posição



momento, com o fito de conseguir recompensas altíssimas, a fim de que ele possa trocar sua velha Ovelha Elétrica por algum animal de verdade.

A crítica trazida por Philip K. Dick nesse livro, com relação ao desespero por consumir algo que sequer traz uma satisfação verdadeira, em muito se parece com o que diz “A Servidão Moderna”, tanto na parte do trabalho, quando o narrador nos fala da ilusão de que o trabalho seria uma bênção – mas que poderia ser fatal, no caso de Deckard – e no bloco em que se fala das mercadorias, compostas da ilusão da felicidade, mas que afastam cada vez mais o ser humano de uma esperança de felicidade real. Ao fim do livro de K. Dick, vemos Deckard frustrado por uma luta incansável para conseguir um animal verdadeiro, transformar-se em poeira, como acontece a todo o mundo deteriorado daquele futuro terrível e sem esperanças.